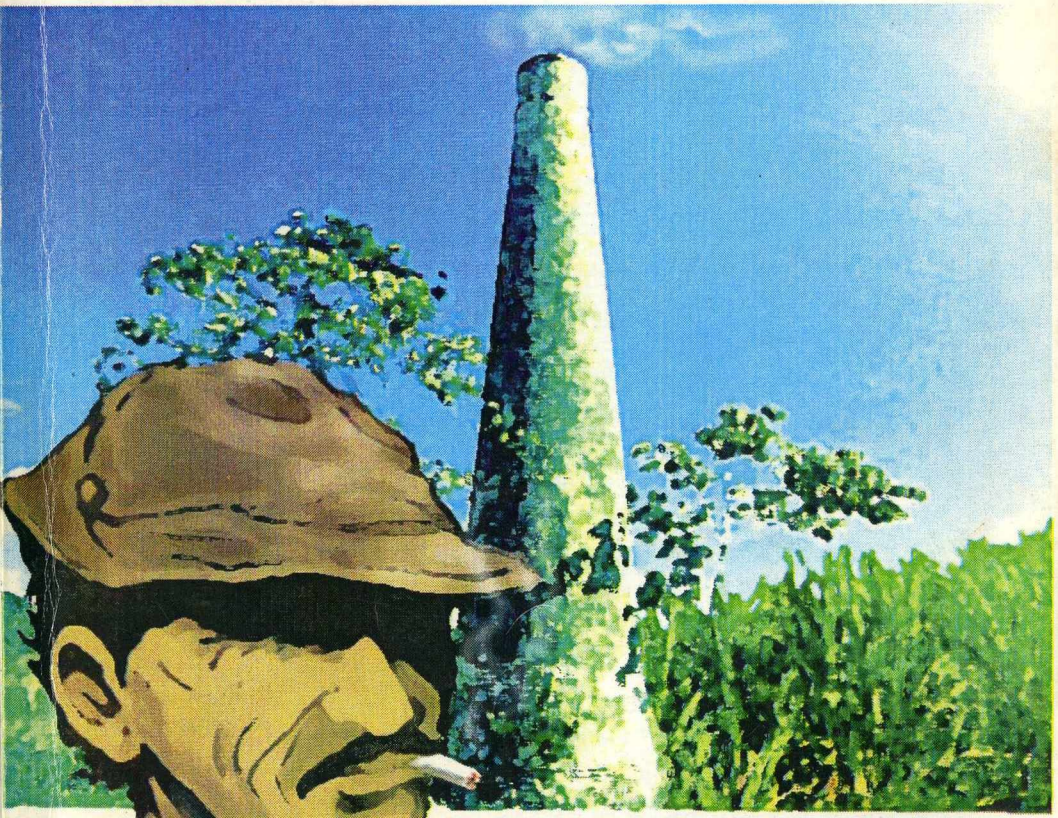
Canto do Canavial



BENILDE DANTAS

CANTO DO CANAVIAL

BENILDE DANTAS

CANTO DO CANAVIAL

POESIAS

2ª Edição

Natal - Rio Grande do Norte
2000

Labim/UFRN

BEDESCHI — Misericordia, 74 — Rio

Labim/UFRN



Labim/UFRN

Reeditar o livro do poeta cearamirinense Benilde Dantas é uma forma de incentivar a cultura do Município e de reconhecer que os ideais dos homens é sempre uma forma de buscar a plenitude de realização.

Roberto Pereira Varela

Labim/UFRN

BIOGRAFIA

Benilde Dantas de Melo nasceu em 25 de fevereiro de 1912 no engenho Cajazeiras, no Vale do Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte.

Benilde teve como primeira professora a poetisa Adele Sobral de Oliveira e como incentivadora à produção literária a poetisa e memorialista Maria Madalena Antunes Pereira a qual chamava de "minha mãe espiritual".

Os primeiros poemas de Benilde: *Exaltação, Fulô de Maio, Aos teus anos,* as tuas santas cartas foram dedicadas a sua namorada e futura esposa Judite Marinho com teve três filhas: Benize, Vânia e Lúcia.

Em julho de 1932, contra a vontade de seu cunhado Bertino Dutra da Silva, na época Interventor do Estado do Rio Grande do Norte, participou como revolucionário da Revolução Constitucional do Estado de São Paulo.

Em 1935, participou da Intentona Comunista, comandando uma coluna que partiu de Ceará-Mirim para Baixa Verde, onde veio a controla-la juntamente com Manoel Alberto da Silva Filho mais conhecido como Tenente Lins. Saindo de Baixa Verde, Benilde dirigiu-se para a cidade do Seridó comandando uma nova coluna revolucionária.

Na Serra do Doutor, tomou conhecimento do fracasso da revolução. Empreendeu, então, em sua caminhada de volta a Ceará-Mirim perseguições da polícia.

Na empreitada de refúgio teve ajuda de vários amigos, dentre eles podemos destacar a do inesquecível Luís Lopes Varela e sua esposa Antonieta Varela que o acolheram em sua propriedade na Usina São Francisco, em Ceará-Mirim. Temendo as represálias que poderia acontecer, caso a polícia o encontrasse em Ceará-Mirim, Benilde refugiou-se para Olinda onde permaneceu escondido na residência de sua madrinha Eliza Galhardo.

Após uma temporada em Olinda seguiu para Salvador, ficando hospedado na casa de outro grande amigo, Gastão Câmara. A pedido

Labim/UFRN

deste, foi trabalhar como apontador na construção do aeroporto de Santo Amaro. Nesta época, sua esposa, já com sua filha Benize, foi ao seu encontro em Salvador.

Reconhecido pela polícia, voltou a ser perseguido, tendo que fugir com a família para Ilha de Itaparica, onde encontrava-se também foragido Carlos Lacerda.

Neste mesmo período, de volta à residência de Gastão Câmara em Salvador começou a escrever para vários jornais da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e Espírito Santo com o pseudônimo de **Luís Marinho.**

Benilde permaneceu com Gastão Câmara até a sua absolvição, decretada por sentença do M. M. Juiz Dr. Raul Machado em 20 de Junho de 1938.

Em 1941, publicou o livro *Canto do Canavial,* onde demonstra todo o romantismo e paixão por Ceará-Mirim. Neste momento, prestou concurso para o cargo de Agente Fiscal do Imposto de Consumo, no qual foi aprovado. Em 23 de Junho de 1934, foi nomeado pelo então Presidente da República, Getúlio Vargas, para exercer as funções de Agente Fiscal. No dia 13 de Fevereiro de 1952, Benilde vem a falecer.

Labim/UFRN

CANTO DO CANAVIAL

Minha sombra musicada
que mora nos meus ouvidos,
canção de ninar meninos
que ecôa nos meus ouvidos
como o cicio de um segredo...
Ha quantos anos eu te escuto,
canção que vem da minha infancia,
canção dos engenhos românticos?
E esse apito dos engenhos nas madrugadas
que eu escuto em todas as madrugadas de minha vida
em todas as minhas tardes...
em todas as minhas manhãs...
E essa música dos eixos dos carros de bois,
as vozes dos homens morenos nos eitos brutos
e as lavadeiras cantando na beira dos riachos...
Porque eu escuto essa sinfonia
si estou tão longe de tudo, noutras terras?
E esse canto lamentoso do canavial
como uma queixa de almas penadas
que assombravam a minha meninice...
Porque ainda te escuto
si estou tão longe, noutras terras?...

Labim/UFRN

MENINO DE ENGENHO

Menino de engenho.
Casa colonial.
Engenho moendo. Garapa. Mel de furo.
Mestre Mendonça dava o "ponto" no assucar.
— Eh!
— Ou!
— Bota fogo na cardeira Caiçara!...
Cambiteiros desbocados me ensinavam pornografia.
Meus primeiros professores. Ensino gratuito.
Meu carneiro se chamava "Jasmim" e tomava banho de anil para ficar da côr do céo...
Cheiro bom de esterco de gado no curral.
As vacas tinham nomes românticos:
Laranjeira, Flôr do Campo, Olhos Pretos...
Tudo vai longe se encobrindo no Passado.
Vovó era alta, monumental, e bôa.
Vovô era vermelho que só um camarão
e tinha um vozeirão enorme, trovejante...
Mamãe... meu primeiro balbucio...
Minha Nossa Senhora aqui na terra...
Depois o mundo rodou como uma moenda
Deixando a saudade das coisas que não voltam
E o bagaço das minhas ilusões...

Labim/UFRN

CANCELA

Cancela do engenho,
sentinela na fronteira do meu mundo,
do meu mundo de menino de bagaceira
Brincando com os moleques de pé de engenho.
Cancela que isolava meu mundo bom
dêsse outro mundo diferente
que eu temia
mas que me atraía para o mal
como uma mulher perdida...
Cancela idealista que se abria para a liberdade,
minha liberdade infantil dos oito anos
que se abria contente para meu mundo pequeno e feliz
Cancela que sorria sempre nos moirões hercúleos
para a passagem despreocupada de minha meninice.

Mas o mundo mal me atraiu
como uma mulher perdida...

E a cancela se abriu para o meu novo destino,
gemendo entre os moirões hercúleos
e se fechou para a saudade
do meu mundo de menino...

Labim/UFRN

"TIA" ANINHA

— Abença, Dindinha Lua!"
Terreiro da casa grande.
A gordura mole e circunspecta de "Tia" Aninha
arrodeada de meninos buliçosos
como um colosso negro encurralado
por uma legião de brancos.
"Tia" Aninha contava as mesmas histórias repetidas
Fazendo folklore sem saber
(Só contava de noite
porque quem conta de dia cria rabo...)
"Era uma vez um menino e uma menina
O menino se chamava Mané
E a menina se chamava Maria"
E as histórias se prolongavam pela noite a dentro
A noite era uma imensa "Tia" Aninha imaterial
sugerindo as histórias cinematografadas nos sonhos

Mais tarde, "Tia" Aninha continuava ainda
a sua história
arrodeada de Manés e Marias que dormiam...

*

Labim/UFRN

A Lua agora já não é mais Dindinha
"Tia" Aninha já morreu ha tempos
e porque não volta como a Lua que renasce?
— Abença, "Tia" Aninha!

Labim/UFRN

AS TRES CAJAZEIRAS

O menino falou para o irmão poeta.
"Somos tres irmãos." (E apontou as cajazeiras
que sombreavam o terreiro da "casa grande".
"Tal e qual aquelas cajazeiras que nasceram juntas
e vivem juntas com um mesmo destino".
E uma lagrima empanou o brilho dos seus olhos...
"Eis tudo o que posso dizer, meu irmão poeta
Mas você poderia fazer um poema
muito bonito com essa imagem."
Fazia uma tarde triste de Inverno.
O tempo andou e desandou.
As cajazeiras cresceram numa ansia de vida
e ainda sombreiam o terreiro da casa grande
desta história...
Depois uma coisa horrivel. (Meus olhos
arrazam dagua).
O menino idealista morreu sorrindo
pensando talvez no poema que pedira.

Aqui está o teu poema, meu irmão poeta,
meu irmão que não volta mais.

Labim/UFRN

Não com a beleza que pediste
porque a tristeza é uma mortalha que me veste,
porque a saudade é o mais triste dos poemas...

Labim/UFRN

RIO MALVADO

— Vem doido, diabo!
E as aguas inconcientes lambiam a "vazante".
subindo, subindo, até cansar de subir.
O negro Zé Biá em pé, na "crôa" enxuta
mirava, extático, o estuário das águas barrentas,
águas assassinas, agora quietas e saciadas
com o estômago cheio do milho e do feijão
da "vazante" de Zé Biá.
Os olhos do negro estavam fixos como vidrados
contemplando o logar de sua "vazante" destroçada.
Ali jogara o seu suor
Ali jogara o seu sangue
Ali fora a sua esperança alimentada
no verde das folhas prometedoras.
Os dias de sol a pino
curvado ao cabo da enxada
A fome recalcada, transformada em energia
pelo aceno do futuro...
Cadê agora o milho e o feijão de Zé Biá?
As águas saquearam como um exército barbaro.
Agora, o negro contemplava o estuário das águas quietas
o túmulo de suas energias heróicas

Labim/UFRN

a terra boa vencida pelo rio malvado
subindo, subindo...
singular coveiro de imaginações mórbidas
sepultando as esperanças, seus dias de fartura,
diluindo seu suor e seu sangue
no lago das águas malvadas.
Zé Biá parecia, no alto da "cróa" enxuta
um bronze que sofresse.
Abanou a cabeça humilhada pelo rio:
— *"Foi o mesmo que matasse meu fio..."*

Labim/UFRN

CARROS DE BOI

Cadê o carreiro João Onofre,
o carreiro mais antigo do engenho "Cajazeiras"
que bebia cachaça que só raposa?...
E os bois de coice...
E os bois de cambão...
que João Onofre os tinha como irmãoãs,
e nas viagens longas se confundiam
na mesma poeira...
no mesmo destino...
E o velho carro cantando nas estradas
e deixando os dois versos de suas rodas
impressos nos caminhos tristes,
o velho carro carregado com açucar bruto
gemendo, ás vezes, nos eixos...
E João Onofre carregado de misérias
cantando as suas misérias:

"Carreiro é home que veio
Carreiro é home que foi
Véve gemendo na vida
Que nem os carros de boi..."

Labim/UFRN

— Eia! boi Corrente!...
João Onofre era o carreiro
mais antigo do engenho lá de casa..

Labim/UFRN

O ENGENHO DE VOVÔ

Bandão de moças no alpendre
cantando as modinhas de Catulo Cearense.
O boeiro fumaçava que só o cachimbo de "tia" Aninha.
Falta de cana no picadeiro.
O engenho apitava que só guarda-civil em dia de barulho na festa da Padroeira.
Os burros passavam enfileirados que nem menino catolico em dia de procissão.
Os cambiteiros passavam pornográficos.

— Lá vai "tio" Felix que brigou no Paraguay
e conta história a gente de arripiar cabelo.
"Menino, o Lope era uma onça acuada
mas nós derrubemo o bicho"...
Depois houve um reboliço no mundo...
Cadê o romantismo das moças cantando no alpendre?
A uzina engoliu o engenho de vovô
e tomou uns ares antipáticos.
O engenho ficou de fogo morto
parecendo um navio velho, abandonado.

"Tio" Felix não conta mais as histórias do Paraguay.
E só o cachimbo de "tia" Aninha é a saudade
do engenho da minha meninice...

Labim/UFRN

A CANÇÃO TRISTE DO CANAVIAL

Porque canta o canavial assim
tão triste,
e ouço o gemer dos carros de boi
como um grito estirando-se pelo infinito,
de uma turba desesperada?
Dentro do casarão, a luz acesa.
Lá fora, a noite infernalmente preta
sobre a terra,
sobre os homens
como um côrvo horripilante.
Porque essa tristeza,
essa dôr impregnando a alma das coisas?
Lá fora, os lobos do vento uivam
como o clamôr de uma revolta.
E o medo inexprimivel
o terror avassalante e inconsútil
penetrando a alma do menino.
Porque, meu Deus, esse terror,
porque o canavial está uivando
e o vento bramindo revoltado?
Porque, meu Deus, esse terror,
e não me restitue a calma que anseio?

Labim/UFRN

"CAJAZEIRAS"...

Aqui, a "casa grande"...
Mais além, a massa escura do engenho em preto,
o boeiro, no alto, branquejando,
fumando num cachimbo...

Entre eles, as cajazeiras enormes
e a toalha branca da bagaceira,
meu palco, meu teatro, minha doidice...
Mais perto, o quadrilatero do curral
as vacas mansas, os bois pacificos
e o berreiro dos bezerros apartados...

Duzentas braças em frente, a lagoa, —
as garças brancas enfeitando as margens
e, misturado,
o canto alegre dos galos de campina
e o "foi, não foi" dos sapos infelizes.

Errando no ar, o perfume do jardim em flor
plantado, ao lado, no oitão romântico.
No alpendre, vovó passeando de crochet na mão
e alem, emoldurando o quadro,
a cinta verde do canavial...

Labim/UFRN

ESCOLA DE D. ADELE

Escola de d. Adele.
Minha culturasinha brasileira.
A toada dos meninos que aprendiam de oitiva:
"Um e um, dois; dois e dois, quatro; quatro e quatro, oito".
Os mais adeantados estudavam Geografia,
um nome estrambotico para mim.
Noções de Português.
D. Adele ditava passeando:
"O Brasil é o país mais rico do mundo"
Historia do Brasil.
— Quem descobriu o Brasil?
— Não fui eu, não senhora...
Meninas á bessa. Tudo misturado.
Namoros...
A sineta batia na hora do recreio.
Merenda. Troca de cartinhas amorosas.
Folia de meninice solta.
Os meninos mediam forças para fazer *fita* deante das namoradas.
Argumentação. Eu era burrissimo para Aritmetica.
A palmatoria cantava.
As mãos ficavam vermelhas como as faces das meninas rosadas.
As mentiras em casa não falhavam.
Mamãe ficava contente:

Labim/UFRN

— Meu filho vai ser um Ruy Barbosa...
Hoje, na memoria dos meus ouvidos ecôa a toada dos meninos
que aprendiam de oitiva: "um e um, dois; dois e dois, quatro".
E os beijos de mamãe revivem como estalos da palmatoria antiga
E as minhas faces ficam vermelhas
Como as faces das meninas rosadas.

Labim/UFRN

CANTO DA TERRA

Eu canto o meu Brasil
O meu Brasil de homens heróicos e sentimentais
como os jangadeiros incriveis do Ceará.
O meu Brasil
dos comboieiros nómades do Seridó,
dos barqueiros trovadores de S. Francisco.
Eu canto o meu Brasil
acompanhado pela toada
das canções de Catulo Cearense,
pela música olímpica da Cachoeira de Paulo Afonso
e pelo ritmo dos canaviais de Pernambuco.

Labim/UFRN

ROMANTISMO

Minha primeira namorada...
Um velho cenário novo aos desesseis anos
Julieta e Verona. O olhar de Julieta.
E o céo de Verona enluarada.
À sensação afoita de uma espada á ilharga
A capa ondulando heróica como uma bandeira invicta.

A primeira carta era rósea e imortal.
Amôr e solecismo misturado.
Juras eternas em erros de ortografia
E uma Felicidade escrita, sem se saber, assim...

Labim/UFRN

ADORAÇÃO

Porque esta minha
adoração mística pelas montanhas?
Porque olho com amargura
e o espirito bailando
para os cumes azues
infinitamente impossiveis?
Porque essa amargura em meu olhar
e essa alegria em meu espirito?
Porque você se assemelha
tanto com as montanhas?...

Labim/UFRN

AMO-TE

Como eu agradeço aos deuses
a tua aparição
pela magia inédita
que há em ti
em tua fala audaz
na tua indolente elegancia.
Amo-te. (Quantas vezes
tenho repetido estas palavras)
Amo esse teu inéditismo
e chego a odiar as mulheres
que outrora amei
achando-as banais e até feias.
Amo essa nova impressão de beleza
que tu revelas
em teus gestos
em teus risos
até mesmo nos teus beijos
que me dão a sensação unica
que é a primeira vez
que sou beijado.
Amo-te. E no entanto
é a primeira vez que digo estas palavras
com o sentimento novo do Amôr.

Labim/UFRN

NOSSO IDEIAL

I

Os imbecis falam mal do Amor...
Porque não sabem amar
ou talvez
porque não sabem construir o Amôr
Agora, esse nosso amor,
essa nossa paixão,
ou bem melhor,
essa nossa loucura feliz,
é pleno de ú'a magia estranha
que não sei definir.
Eu o sinto meu
E sinto-o em ti tambem
diferente desse amôr á romantica,
desses amores trágicos de Shakespeare,
desses amôres banais de sonetos rimados,
porque torna-me perfeitamente alegre
e eu por elle abençôo a Vida,
para tel-o eterno
no momento delicioso do teu riso.

Labim/UFRN

II

Essa paixão tão estranha
que nos une
e nos transforma
como dois corpos
duma combinação química,
tornando-nos tão diferentes
de que somos na realidade,
tornando-nos felizes e despreocupados
das coisas do mundo tão prosaicas
como a fome, a calúnia e a guerra.
Que infinita a persuasão
dessa paixão feliz
quando tu ries para mim
e o teu riso apaga docemente
as visões ruins do mundo,
a fome, a calúnia e a guerra,
e me transplanta para a felicidade geográfica
de uma paisagem scandinava.

Labim/UFRN

III

E' preciso para esse amôr
um logar excepcional
onde tudo corra levemente
sem barulhos estridentes
sem silencios profundos
e preocupações prosaicas.
O Paraiso de Adão e Eva
isso não nos serve porque
já está muito explorado
e perdeu seu encanto despreocupado.
E' preciso uma região amena
mais de que espiritual e unica
uma coisa que não sei dizer,
mas que sinto
e vejo que os mundos não possuem,
e, no entanto, o sortilégio dessa nossa paixão exige
e ele próprio constroe
dentro de nós mesmos.

Labim/UFRN

IV

Esse teu riso,
respondendo ao meu riso,
é uma manhã deliciosa...
E é tanto assim
que eu tenho a impressão franzina
de que não existem tardes
de que as noites não existem
de que as manhãs são eternas
e de que nós vivemos
numa parte estranha á terra,
numa região povoada de sugestões graciosas
e de camponezes simples,
alegres e alheios á crosta terrestre,
como eu me sinto
quando tu ries para mim.

Labim/UFRN

V

E talvez seja por isso
que nós vivemos á parte
e que nossos risos sejam francos
e sem medo de surpresas ruins
que atacam os amores debeis,
ao passo que nós
rimos contentes dêsse nosso ideal
para o qual precisa um adjetivo
supra-humano
sem ser divino
sem ser astral,
indefinivel e cantante
que eu vejo e ouço
no casquilhar do teu belo riso franco
e na expressão sem adjetivos banais
que existe nos teus olhos.

Labim/UFRN

REPRESÁLIA

Ontem ao nosso encontro não vieste.
Talvez a chuva fina e elegante
como tu
seja o pretexto futil da desculpa
na nossa entrevista de amanhã.
Amanhã o dia será claro e bonito
como tuas mãos aristocráticas
e terás a surpreza,
á primeira vista inexplicavel,
de não me encontrares,
marchando ao teu encontro,
para beijar as tuas mãos risonhas.
Talvez te surpreendas um pouco,
e essa ausência
te cause algum desgôsto;
e eu terei assim a minha represália
por esta saudade detestavel
que a tua ausência motivou.

Labim/UFRN

ARRUFOS

Foi um arrufo tolo,
sem razão, aquele.
Uma pequena nuvem
a ensombrar este Sol.
Um nada, umas palavrinhas indiferentes,
teu desdem afetado
e logo minha represália
rasgando uns poemas,
aqueles que teus lábios beijaram.
O teu sentimentalismo
que eu desconhecia,
rompendo entre soluços incontidos,
tua revolta,
e me chamaste de "selvagem".
(Porque tu ficas
assim tão bela quando choras?)
No entanto, aquela nuvem já passou
eu já esqueci tudo
e até considerei aquele "selvagem"
um elogio,
uma declaração de amôr um tanto inédita...

Labim/UFRN

ATÉ À VOLTA

Adeus. Até a volta.
Não penses que é o fim.
E' apenas cansaço.
E a propria ansia de variedade,
minha adoração pelo ineditismo
que me faz fugir da cidade,
do teu corpo volutuoso e amado,
trocar o mundanismo exaustivo
pela placidez livre das montanhas
Agora quero viver entre as árvores;
estou cansado
mas não esquecido.
À Natureza contarei os teus encantos,
Depois enjoarei as árvores calmas,
a côr inexprimivel das montanhas,
e voltarei galhardo e ansioso
para as reincidencias bem felizes
das noites triunfais do nosso Amor.

Labim/UFRN

NÃO PARTAS...

Não creio que tú partas
por mais que o digas
Não creio, porque os teus gestos
dizem que ficas
os teus sorrisos conversam apenas
sobre nossa paisagem atual
os teus olhos não traduzem anseios
de ver outras paragens.
Não creio que tú partas.
Mas si partires eu fico certo
que Deus não existe
que o Mal é a sintese de tudo.
Acreditarei, si tu partires,
na mentira dos teus olhos
na hipocrisia dos teus gestos
no artificialismo dos teus sorrisos.
Não, não creio que tú partas
Mas si partires
eu ficarei acreditando que só o Mal existe.

Labim/UFRN

PARTISTE...

Você partiu.
O mundo em que vivi
foi você quem creou.
Ninguem, nem mesmo Deus
poderia destruil-o. Só você.
Porque ninguem destroi
o que não construiu.
O universo que você creou
foi só para seu egoismo.
Nas paisagens ideais
outras mulheres não passaram.
A religião desse mundo
era a do Amôr.
O Deus era eu.
Mas você partiu
e destruiu o mundo que creou.
Agora, eu sinto que não sou mais Deus
e o que é terrivel, meu Deus,
não vivo mais.

Labim/UFRN

NÓS

Tua porta está sempre aberta para mim
como um arco triunfal num dia festivo.
E eu me chego a ti como um viandante perdido
ao avistar a luz duma habitação.
E teu corpo me aquece
como uma lareira no Inverno.
E nosso Amôr se amalgama
para a fecundação das gerações eternas
Nesse minuto que é o ápice da ventura
no egoismo mutuo de nós dois...

Labim/UFRN

TUA VOZ

O vento traz para meus ouvidos
a canção que escorre mansamente de tua boca
como a água de uma fonte...
A tua voz é um toque na alvorada
E eu desperto para escutá-la
e desfaço o nevoeiro do sono
e recordo os sonhos da noite
onde aparecias com um halo
bordando tua cabeça grega...
E eu me ajoelhava de mãos postas
e tu me beijavas as minhas mãos
e eu, sacrílego, beijava a tua boca.

A tua voz me acordou na madrugada
E eu continuei sonhando o mesmo sonho
E beijei, humano, a tua boca...

Labim/UFRN

NOSSO AMOR

Eu te amo como um poeta antigo
E o sensualismo quente de selvagem.
E tu me amas de maneira igual.
O nosso Amôr se ergue e fantasia
Um arco de triunfo colossal,
Sob o qual passamos triunfantes
E a turba em baixo se acovarda.
E procura por esmola a sombra
Do arco de triunfo colossal...

O teu beijo é um Sol.
E eu me ajoelho sob sua luz
E não temo o Inverno...

Labim/UFRN

MINHA RELIGIÃO

Eu fugi do teu amôr.
Mas teus braços me buscam como uma táboa de salvação.
Eu sou um apóstolo que se refugia
num Egito de purificação.
Teus braços me buscam novamente.
Eu tenho saudade dos teus braços quentes e sensuais
e volto á Palestina imaterial
para minha crucificação conciente.
E morro nos teus braços assim abertos e rendidos
como uma cruz tombada por um conquistador musulmano.

Eu salvei a humanidade
porque perpetuei o Amôr...

Labim/UFRN

ETERNIDADE

O espirito da Eternidade amalgamou
e construi a essencia do nosso sonho
Nosso mundo é uma paisagem irreal
Nossas manhãs são alegres como colegiais em debandada
Nossas tardes não são tristes
como freiras enclausuradas.

A bondade de Deus se derramou como um liquido
sobre a face da Terra.
A face da Terra ficou bonita como uma mulher amada.
Os coveiros não são mais shakespeareanos

As árias que cantam são alegres
como risos de crianças.
As crianças não serão coveiros shakespeareanos.

O espirito da Eternidade fez o nosso Sonho
imaterialisado e eterno como Deus.

Labim/UFRN

IMORTALIDADE

Eu sou o poeta heroico,
o que morreu de Amôr,
a quem chamaram de homem covarde.
Eu sou o poeta lavoisierano das transformações
E quando tú fôres velhinha,
bem velhinha,
quando teu coração já não alimentar
o fogo sagrado do Amôr
ou a cinza da saudade,
eu estarei contigo, meu sonho imortal,
imaterializado, como quiz vêr nossa vida,
no teu oxigenio.
Eu serei o teu calôr nas noites de inverno.
O primeiro raio de Sol que te abre as manhãs.
O teu mundo objetivo,
e o mundo subjetivo dos teus devaneios.
Eu saciarei a tua fome,
eu serei a agua para tua sêde.
Tu viverás de mim como uma planta parasitária,
do meu "Eu"
da transubstanciação da minha carne.

Labim/UFRN

POEMA DA FELICIDADE

Viandante,
como eu tambem,
á procura de um bem
que está distante,
eu encontrei um dia
na estrada tortuosa do destino,
um, que desde menino
procura a Felicidade,
essa fantasia,
com pretensões á realidade.
E ele, ingenuamente, feito uma criança
perguntou-me com ansiedade:
"Sabes onde está o paiz da Felicidade?"
E eu descrente,
ironicamente:
"A Felicidade está nas tuas vistas.
Toma a direção do norte ou do sul,
envereda pelo poente ou nascente
procura atingir o horizonte azul,
a grande ilusão dos olhos da gente.
E si após longa peregrinação
o horizonte estiver ao alcance da mão,

Labim/UFRN

tenta despertar e verás tristonho,
a inutilidadé do teu sonho.

Não a procures nunca, louco viandante,
que a Felicidade é inatingivel como o horizonte
quanto mais se procura mais fica distante...

Labim/UFRN

PORQUE AS ROSAS ENCARNADAS?

Porque os jardins estão anémicos
sem a angustia das rosas encarnadas
que lembram o sangue dos assassinados
e a tragédia brutal dos adultérios vingados,
que lembram as hemoptises dos tuberculosos
humilhados pelo sol das manhãs felizes?
Porque morreram as rosas encarnadas
si elas nos lembram a vida dos mineiros
submergidos no útero da terra,
si elas nos lembram bandeiras libertárias
embebidas no sangue dos combatentes agonisantes?
Porque morreram as rosas encarnadas
si elas perfumam o féretro dos adolescentes
e recordam o sangue de Deus nos últimos milagres?
Porque a sugestão inconfundivel das rosas encarnadas
errando em meus poemas?

Labim/UFRN

BEMAVENTURADOS

Bemaventurados os paises sem ódio
os bosques e as florestas dos países sem ódio
e os passaros que são universais
para quem o canto é um hino de harmonia.
Bemaventuradas as ilhas solitárias,
solitárias como homens felizes,
para quem a unica civilização é a Paz.
Bemaventuradas as aldeias bíblicas
que já não existem mais.
Bemaventurados os que morando no mundo
vivem fóra dele.
Bemaveuturados esses recantos felizes
onde Cristo poderia voltar.
si sentisse saudade da terra.
Bemaventurados os ferreiros tranquilos,
os velhos e as crianças
porque deles é o céu, a propria terra...

Labim/UFRN

TURISMO INTERIOR

O pensamento ficou olhando o mundo
pela janela do cerebro.
O homem parou na ponte da Bôa Vista
e arrancou o chapéu para se abanar
no meio-dia nordestino.
O homem viajou e conheceu as pirâmides,
as estepes, o simoun, os pagodes orientais...
Fez-se poliglota, turista profissional.
Quando o chapeu voltou á cabeça
O homem continuou quasi analfabeto
atravessando, anónimo, a ponte da Bôa Vista...

Labim/UFRN

SEM TÍTULO

O cerebro danou-se p'ra pensar.
Pensou incoerencias e coerencias.
Os conhecidos chamaram-no de maluco,
os moleques vaiaram-no,
e as pedras fizeram procissões atraz dele.
Depois só pensou coerencias.
As pedras choveram e as vaias trovejaram
Os conhecidos se afastavam á sua passagem
e cochichavam nas esquinas:
"Um doido varrido!"...
Depois mudou de rumo
e pensou somente incoerencias.
O homem ficou considerado,
casou, teve filhos que Deus deu,
é consultor jurídico de diversas emprêsas,
presidente de uma irmandade religiosa
e diretor de um asilo de alienados...

Labim/UFRN

INSONE

O mistério falou dentro da noite
e deixou de ser mistério.
Ante meus olhos abertos, o mistério
é como uma mulher que se desnuda
no silencio de uma alcova mercenária,
Porque Ele falou si o silêncio é o seu sangue?
E o sangue do mistério se derramou
no horizonte pela alvorada
O mistério fugiu com medo da luz
como um perseguido baleado.
O seu sangue gerou a luz na madrugada
E os homens saíram para o trabalho.

Labim/UFRN

SAUDADE NEGREIRA

Eu sinto a atração contemplativa do oceano
No rumor de suas águas há sons ignotos de batuques
e lamentos longuinquos de minha raça escravizada
Meus olhos fogem para seus horizontes
prescrutando-lhes o mistério evocador
Ha uma voz desconhecida que me chama
como a vóz de um irmão desconhecido
e a saudade de terras estranhas me invade,
de terras estranhas, estranhas...
Porque será que eu tenho essa saudade?...

Labim/UFRN

METEMPSICOSE

Não! Eu quero voltar ao pó, ao pó somente
Não! Eu não quero ir para as metempsicoses
como um forçado.
A minha dor vem caminhando ha milénios
na inconciência dos desertos imortais
Eu já sofri demais...
Não! eu não quero ir para metempsicoses
como um galé
Eu quero voltar ao pó, ao pó, somente...

Labim/UFRN

O IRMÃO MORTO

O menino inerte e espiritual
deitado no caixão dourado
recordava um poema tristissimo.
Muitas rosas,
vermelhas, brancas, violáceas,
exhalando uns perfumes de morte.
O ambiente funéreo
Os irmãos tristes em volta
contemplando sem chorar
ó irmão imovel e marmóreo
que parecia sonhar o sonho
do menino Jesus
na antevisão divina do martirio.
O menino morto,
os rostos dos meninos vivos
sepulcrais e tristes
e as rosas que deitavam no ar
uns perfumes de morte...

Labim/UFRN

VIDA ETERNA

Porque existe a Vida si a Vida morre?
Porque Deus gerou a Vida si ela não é infinita como Deus?
Porque? (A mulher chorou assim sobre o corpo
sem vida do filho amado)
O caixão estava perfumado pelo perfume
das rosas encarnadas .
As rosas encarnadas morreram dentro da noite triste.
E a manhã fez o enterro das rosas encarnadas.
Mas os vegetais românticos ressuscitaram
como Lázaros espirituais.
E o túmulo do botão desmaiado ficou de novo perfumado
pelo perfume das rosas encarnadas...

Labim/UFRN

DESEJO

No mundo, nada me interessa
Nem o olhar das mulheres
Nem a admiração dos homens. —

Quero, apenas, um céo para fitar
E uns caminhos para andar...

Labim/UFRN

ÍNDICE

	Pags.
Dedicatoria	5
Canto do Canavial	7
Menino de Engenho	8
Cancella	9
"Tia" Aninha	10
As tres cajazeiras	12
Rio Malvado	14
Carros de boi	16
O Engenho de Vovô	18
A canção triste do canavial	19
"Cajazeiras"...	20
Escola de D. Adele	21
Canto da terra	23
Romantismo	24
Adoração	25
Amo-te	26
Nosso ideial:	
I	27
II	28
III	29
IV	30
V	31

Labim/UFRN

Pags.

Represalia 32
Arrufos 33
Até a volta 34
Não partas... 35
Partiste 36
Nós 37
Tua voz 38
Nosso amor 39
Minha religião 40
Eternidade 41
Imortalidade 42
Poema da Felicidade 43
Porque as rosas encarnadas 45
Bemaventurados 46
Turismo interior 47
Sem titulo 48
Insone 49
Saudade negreira 50
Metempsicose 51
O irmão morto 52
Vida eterna 53
Desejo 54

Labim/UFRN

Labim/UFRN



PREFEITURA MUNICIPAL DE CEARÁ-MIRIM

Prefeito: Roberto Varela
Rua General João Varela, 637
Fone: (0xx84) 274-2030 - Telefax: (0xx84) 274-2557 - CEP 59570-000